

## Δ escrita que mascara e desmascara: alteamento de vogais átonas em textos brasileiros oitocentistas

Klebson Oliveira<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo busca investigar, em textos escritos por africanos e afro-descendentes, na cidade de Salvador oitocentista e no âmbito de uma irmandade negra, a Sociedade Protetora dos Desvalidos, a variação referente ao alteamento das vogais médias átonas para vogais altas. Move ainda este artigo a identificação dos contextos favoráveis ao fenômeno em questão. A conclusão mais geral a que se chegou é que o alçamento privilegia muito mais as vogais pretônicas do que as postônicas e, ainda, que as vogais anteriores são bem mais receptíveis ao traço do que as posteriores.

**Palavras-chave:** vogais átonas, século XIX, textos de africanos e afro-descendentes

---

<sup>1</sup> Faculdades Jorge Amado / UFBA (PROHPOR)

## 1. Introdução

Os textos brasileiros a que se faz referência no título deste trabalho foram escritos por africanos e afro-descendentes, ao longo do século XIX na cidade de Salvador, e estão preservados no acervo da irmandade negra chamada Sociedade Protetora dos Desvalidos (SPD), fundada em 1832 pelo africano Manoel Vítor Serra.

Duzentos e noventa documentos, principalmente atas, foram editados do acervo documental referido e compõem a parte filológica da tese de doutorado de Oliveira (2006)<sup>2</sup>, que, também, lhe dedicou uma parte voltada para um extenso estudo lingüístico, abraçando os seguintes tópicos: segmentação gráfica, grafias para sílabas complexas, fenômenos meramente gráficos e marcas da oralidade na escrita, porque esses aspectos nomeados, todos eles, são carentes de atenção em perspectiva histórica. Há para sublinhar que, dentro deste último rótulo, a análise se restringiu a aspectos fônicos que, da fala, se transpuseram para a escrita, com destaque para vários fenômenos, inclusive um minucioso estudo sobre a elevação das vogais médias átonas, tanto pretônicas como postônicas. O que moverá o presente artigo, dessa forma, serão as conclusões mais relevantes a que se chegou sobre esse assunto.

## 2. Vogais pretônicas

As orientações teóricas não coincidem, mas os trabalhos sobre a variação entre [e] e [i] e [o] e [u] pretônicos<sup>3</sup> no português

---

<sup>2</sup> A tese referida intitula-se *Negros e escrita no Brasil do século XIX: sócio-história, edição filológica de documentos e estudo lingüístico*. Defendida no ano de 2006 no Programa de Pós-graduação em Letras e Lingüística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, foi orientada pela Profa. Dra. Rosa Virgínia Mattos e Silva.

<sup>3</sup> Utilizar-se-ão o [e] e o [o] para representar as duas possíveis realizações, a aberta e a fechada, da vogal anterior e da posterior, respectivamente.

brasileiro parecem guardar de semelhante a busca pelo que a condiciona. Segundo Bortoni, Gomes e Malvar (1992, p. 12-13), a tradição filológica explica a variação das pretônicas em português através da regra de harmonização vocálica, em que a vogal média pretônica é assimilada à alta da sílaba tônica. É, portanto, um fenômeno de assimilação regressiva. Também Câmara Jr. (1996, p. 44-45) postula esse como o principal fator para que as médias [e] e [o] pretônicas se alteem, mas aponta um outro contexto, a sua presença em hiato com um [a] tônico. Além desses, Faraco (2000, p. 36) menciona as palavras iniciadas por “|es|”.

A Sociolinguística Quantitativa, nas análises realizadas em alguns dialetos brasileiros, confirma a presença de uma vogal alta na sílaba subsequente, tônica ou não, como condicionante da variação, embora haja uma assimetria no comportamento das vogais [i] e [u] como propulsoras do processo de alteamento (LEITE; MORAES; CALLOU, 2002), ou seja, a vogal alta anterior é mais favorável ao fenômeno do que a vogal alta posterior. Mas as consoantes adjacentes, também elas se mostram relevantes: “A lateral palatal, grafada *lh*, tem o efeito de altear a vogal (c[u]lher e m[i]lhor). As consoantes labiais (*p/b, f/v, m*) provocam a elevação apenas de *o*, como em *m[u]leque, b[u]neca*, apesar da presença em sílaba tônica de uma vogal aberta” (LEITE; CALLOU, 2002, p. 41). O alteamento presente em palavras como *[i]special, d[i]sfile, d[u]ença* e *rech[i]ado*, por sua vez, revela a variação sensível ainda ao padrão silábico: sílabas iniciais travadas por /S/ e em hiatos (LEITE; MORAES; CALLOU, 2002).

Os estudos mostram, portanto, que a presença de vogal alta na sílaba seguinte ou na sílaba tônica, que o efeito de consoantes adjacentes e que certos padrões silábicos são contextos favoráveis ao alteamento de vogais médias pretônicas. Mas não é da sincronia presente o privilégio da variação entre [e] e [i] e entre [o] e [u], em posição pretônica na língua portuguesa, e trabalhos descritivos so-

bre textos do período arcaico já registram os fatores acima mencionados, em termos de ambientes favorecedores, como condicionantes da elevação (MATTOS E SILVA, 1989, p. 71-77). É bem assim: se o **e** se encontra em posição inicial, ou se se avizinha de um som palatal, ou forma hiato ou é seguido de vogal alta na sílaba seguinte, a grafia do **i** reflete a elevação condicionada por esses contextos. Do mesmo modo, a elevação do **o** a **u** é favorecida nos mesmos ambientes, mas também quando precedida ou seguida de consoante labial. As exceções, aqueles casos em que se detecta a variação para além dos contextos nomeados, também elas são anotadas.

Aqui estão os mesmos fatores motivando a variação fônico-ortográfica no passado e a variação fônica no presente e aqui estão, ainda, os estudos histórico-diacrônicos a permitirem a descrição do fenômeno, nos textos escritos, em termos de ambientes favorecedores. É assim que se descreverá também esse que foi um dos aspectos mais marcados nos documentos dos sócios da SPD: a elevação das vogais médias pretônicas.

A elevação de [e] > [i] comparece no *corpus* em 1.904 casos. A presença de uma vogal alta na sílaba seguinte explica mais da metade delas, exatamente 1.255 (65.9%), pelo que parece ser esse o ambiente mais favorável à elevação. Observa-se, porém, que é bastante mais significativa para o fenômeno a presença do [i] na sílaba seguinte, uma vez que casos em que se conta o [u] são infreqüentes. Aquela assimetria no comportamento das vogais, referida pela Sociolinguística (LEITE; MORAES; CALLOU, 2002), já se insinuava no século XIX. Vejam-se alguns exemplos: *anticipado* (antecipado)<sup>4</sup>, *Binidito* (Benedito), *comviniente* (conveniente), *dimissão* (demissão), *dissidido* (decidido), *falicimento* (falecimento), *Intiligência* (inteligência), *midida* (medida), *pidio* (pediu), *procidimento* (procedimento).

<sup>4</sup> Os dados serão apresentados da seguinte forma: mostra-se o vocábulo atingido pelo fenômeno e, dentro dos parênteses, se colocará a forma canônica da palavra.

Os dados permitem ainda a menção a outros ambientes favorecedores à elevação, quais sejam: [e] em posição inicial, seguido ou não de vogal alta, e nas seqüências [es] e [des] – *Iscrever* (escrever), *ísta* (estar), *ístando* (estando), *ístatuto* (estatuto), *ístemados* (extremados), *íleisaõ* (eleição), *Ilias* (Elias), *ímmenda* (emenda), *ízaminar* (examinar), *díscaregará* (descarregará), *díscotado* (descontado), *díslexo* (desleixo), *díspaxo* (despacho), *díspeza* (despesa), *Disvalidos* (Desvalidos); em hiato – *cartiado* (carteado), *conpriendidos* (compreendidos), *Ĵiográfico* (Geográfico), *Liandro* (Leandro), *Lionardo* (Leonardo), *nomiação* (nomeação), *nomiada* (nomeada), *numiasse* (nomeasse), *prienxe* (preenche), *rial* (real); seguido de consoantes alveolares ou palatais – *agradicer* (agradecer), *Aparicendo* (aparecendo), *compariçer* (comparecer), *ex thizoreiro* (ex tesoureiro), *Solidade* (Soledade), *Thizorero* (tesoureiro), *prizente* (presente), *Risibidoria* (recebedoria), *Sinão* (senão), *Alíchandri* (Alexandre); *milhor* (melhor), *pinhores* (penhores). Os contextos referidos até aqui englobam 1.888 das 1.904 ocorrências e é justo que se assinalem algumas das 16 que neles não se enquadram: *Dipositado* (depositado), *Endícoroso* (indecoroso), *Entrivalo* (intervalo), *Giraldo* (Geraldo), *Mímora* (memória).

Quanto à elevação de [e] pretônico > [i], os testemunhos, 42, são bem mais modestos se comparados aos da elevação de sua correspondente oral, mas suficientes para a verificação de que o fenômeno do alteamento se estendia também para o [e]], que encontrou em <in> e em <im> a sua tradução alfabética. 8 dados (19.0%) incluem uma vogal alta na sílaba seguinte e em 31 (81.0%) a nasal ocupa a posição primeira da sílaba. A comparação, em termos numéricos, é desleal, mas cumpre registrar um comportamento desigual em relação ao [e]: para o alteamento da nasal, é a sua presença no início da palavra o ambiente que se mostra mais favorável. Alguns exemplos: *attindido* (atendido), *Cunprindido* (compreendido), *imblemas* (emblemas), *imfirmidade* (emfermidade), *imprestada* (em-

prestada), *imtaõ* (então), *infermo* (enfermo), *imprestimo* (empréstimo), *inpodado* (enpossado), *sintimentos* (sentimentos). Nestas três palavras, nem um nem outro ambiente justifica o fenômeno: *dissincerraõ* (desencerram), *dizinpenho* (desempenhou) e *sunpinsãõ* (suspensão).

Para a elevação de [o] a [u], os documentos registram 332 ocorrências. De novo, é a presença de uma vogal alta na sílaba seguinte o ambiente mais favorável, porque a sua detecção atravessa 216 casos, ou seja, 65.1% dos dados gerais. Quanto a isso, outro aspecto semelhante ao alçamento do [e] também se anota aqui, uma vez que é a presença do [i] na sílaba seguinte, muito mais que a do [u], que parece propulsionar o fenômeno: *absoluta* (absoluta), *Agustinho* (Agostinho), *auturizada* (autorizada), *custume* (costume), *dispuzicoens* (disposições), *Dumingo* (Domingos), *hoturizada* (autorizada), *Leorpuđino* (Leopoldino), *pruvincia* (província), *Purtugal* (Portugal), *Rudrige* (Rodrigues), *securido* (socorrido), *Sulçitador* (solicitador), *Viturino* (Vitorino). Para as ocorrências restantes, também para elas é possível a detecção de ambientes favorecedores. Eilos: em hiatos – *cuhicimento*<sup>5</sup> (conhecimento), *Cuelho* (Coelho), *duaçaõ* (doação), *duente* (doente), *juaquim* (Joaquim), *muedas* (moedas), *perduados* (perdoados), *Suares* (Soares), *Padrueira* (padroeira); antecedido ou seguido de consoantes labiais – *descuberto* (descoberto), *enputecada* (hipotecada), *furtaleiça* (fortaleça), *governo* (governo), *mudello* (modelo), *mulestia* (moléstia), *numeie* (nomeie), *propurcaõ* (proporção), *puder* (poder), *Ruberto* (Roberto). O elenco dos contextos acima traduz os mais produtivos. Vejam-se algumas das únicas ocorrências do alteamento de [o] > [u] pretônico que não se incluem nos referidos contextos, embora se entreveja, na maior parte dos exemplos dados, o segmento alteado precedido por consoantes ve-

<sup>5</sup> Atenta-se para o fato de que o <h>, neste vocábulo, é sinal de escrita etimologizante para marcar hiatos.

lares e alveolares: *concurrência* (concorrência), *lutaria* (loteria), *pudunor* (pundonor), *reculher* (recolher), *Ruzario* (Rosário), *ruzario* (Rosário), *Sudre* (Sodré).

Que há o registro do alçamento de [õ] pretônico > [u]), é só o que se pode afirmar, porque os dados, exíguos que são, não autorizam nem mesmo alguma menção provável ao que os condiciona, porque as 7 ocorrências se concentram em poucos itens lexicais e saem de três mãos apenas. Desse modo, há de contentar-se apenas com a antologia que se segue: *Cunprendido* (compreendido), *Cunprindido* (compreendido), *descuntado* (descontado), *punderação* (ponderação), *punderacoe*s (ponderações).

### 3. Vogais postônicas não-finais

Falar em vogais postônicas não-finais, na língua portuguesa, remete imediatamente aos vocábulos proparoxítonos. Segundo Cristófaros-Silva (1999, p. 90), alteiam-se o [e] e o [o] também em posição postônica medial, em palavras com esse padrão. Desse modo, vocábulos como *pérola*, *Pécora*, *tráfego*, *número*, *parênteses* e *agrícola* podem ser pronunciadas, ainda conforme a autora, como *pér[u]la*, *Péc[u]ra*, *tráf[i]go*, *núm[i]ro*, *parênt[i]ses* e *agríc[u]la*, que dependerá do dialeto em análise e, ainda, do estilo de fala.

A ocorrência de vocábulos proparoxítonos no *corpus* não é abundante, mesmo assim algumas mãos registraram fenômenos que têm a ver com esse padrão silábico. 2 dados estampam o alteamento de vogais médias não-finais: *Angilo* (Ângelo) e *Connigo* (cônego); já outros 2 também dizem respeito à elevação de vogais átonas mediais em proparoxítonas, mas, agora, é a vogal baixa que se alteia: *escandilo* (escândalo) e *Lampida* (lâmpada). Faz-se notar, porém, que o traço mais marcante no que respeita à vogal em posição silábica postônica não-final será a sua síncope, juntamente com segmentos consonânticos. A análise dos dados flagrou 16 ocorrências que de-

põem a favor do que se narra<sup>6</sup>. São elas: *capitto* (capítulo), *Cunpres* (cúmplice), *cunpres* (cúmplice), *devo* (débito), *devos* (débitos), *Esprito* (Espírito), *esprito* (Espírito), *Martes* (Mártires), *Martis* (Mártires), *parago* (parágrafo), *Parcho* (pároco), *Tiophe* (Teófilo) e *Tihophos* (Teófilo).

#### 4. Vogais postônicas finais

Em posição postônica final, a ocorrência das vogais médias [e] e [o] é particularidade dialetal. Predomina, na maior parte do Brasil, a realização exclusiva das variantes altas, que, consoante Câmara Jr. (1976, p. 45), muito cedo substituem as médias. De sua parte, a escrita reserva, quase sempre, um <o> e um <e> gráficos para representar os segmentos altos nessa posição. Se era essa a pronúncia generalizada no século XIX, os documentos revelam que a prática grafológica referida também o era e que, aliás, estava já bastante assimilada pelos negros oitocentistas, porque a constante foi o [i] e o [u] se traduzirem pelo <e> e pelo <o>, respectivamente. Mas há os casos em que grafia e fala não se desencontraram.

Fazendo referência à elevação de [e] postônico final > [i], as 590 ocorrências constantes do *corpus* fazem conhecer que a elevação do [e] postônico final foi documentada sobejamente na escrita dos negros do século XIX. Mas os números despistam, se a atenção não busca amparo na sua distribuição entre os autores. 491 dados, ou seja, 83.2% saem de uma mesma mão, a de Júlio Capitolino da Boa

---

<sup>6</sup> Segundo Amaral (2002, p. 103), a síncope em palavras proparoxítonas é bastante antiga em português e é fenômeno difundido em todo o território brasileiro, não só na fala normal dos menos escolarizados, como na fala espontânea dos mais escolarizados, em determinadas situações. Ainda de acordo com a autora, a síncope em proparoxítonas é previsível, uma vez que o falante tem consciência das regras fonotáticas da língua ao reduzir sílabas, apagar segmentos ou inserir outros.

Morte, e Luciano da Silva Serra estampa o fenômeno em 61 ocorrências, o que equivale a 10.3% do total geral. Os dados restantes, os 38 (6.5%), são provenientes de redatores diversos. A inferência imediata a que conduz essa alínea é que quase todos os autores foram diligentes à prática grafológica que traduz o [i] postônico final como <e> e os dados copiosos permitem a verificação de que o encontro entre fala e escrita foi bastante mais proporcionado por mãos localizadas: Luciano da Silva Serra e, sobretudo, Júlio Capitolino da Boa Morte, que fez corresponder, quase que sistematicamente, o [i] a <i>. Uma pequena amostra, a seguir: *Alvis* (Alves), *Borgis* (Borges), *Cosmi* (Cosme), *dissi* (disse), *esti* (este), *nobri* (nobre), *Noiti* (noite), *presentis* (presentes), *Prizidenti* (presidente), *quazi* (quase), *Senhoris* (senhores), *Telis* (Teles), *virtudi* (virtude) e *Vinti* (vinte).

Já estava também bastante assimilada a transcrição do [u] como <o>, até mesmo para Luciano da Silva Serra e Júlio Capitolino da Boa Morte; o fenômeno, aliás, não ‘passou em branco’, porque esses dois autores, com poucos dados, 8, o marcaram: *Azilu* (asilo), *Dinhoru* (dinheiro), *Estatutu* (estatuto), *Estatutus* (estatutos), *titulu* (título), *tumurtu* (tumulto), *Veiu* (veio), *veu* (veio)

## 5. Elevações de vogais médias átonas: o quadro final

Guardem-se os números contidos na tabela seguinte:

**Tabela 01** - Alçamento de vogais médias – sílabas átonas

	PRETÔNICA	POSTÔNICA MEDIAL	POSTÔNICA FINAL	TOTAL
[e] > [i]	1.904	02	590	2.496
[e] > [i]	42	00	00	42
Total	<b>1.946</b>	<b>02</b>	<b>590</b>	<b>2.538</b>
[o] > [u]	332	00	08	340
[ô] > [u]	07	00	00	07
Total	<b>339</b>	<b>00</b>	<b>08</b>	<b>347</b>
Total	<b>2.285</b>	<b>02</b>	<b>598</b>	<b>2.885</b>

Deixa bem explícita a leitura horizontal dos números que o desacerto no registro ortográfico é mais provável de ocorrer com as médias anteriores, porque 2.538 dados, 88.0% de todas as ocorrências, contam sobre elas, ao passo que 347 (12.0%) aludem às posteriores. Uma outra constatação, dessa vez consentida pela leitura vertical, é que, de longe, fala e escrita se ajustam bem mais em posição pretônica – 2.285 (79.1%) dados, do que em postônica, quer medial – 02 (0.1%), ou final – 598 (20.8%).

A aquisição do registro ortográfico das vogais médias átonas por crianças em fase de alfabetização foi sistematicamente investigada por Lemos (2001, p. 179), que chegou, dentre outras, às seguintes conclusões:

Durante o processo de alfabetização, as crianças solucionam primeiramente o problema do registro ortográfico das vogais (e) e (o) na posição postônica final, pois, nessa posição, o aluno é capaz de elaborar uma regra que o auxilia na superação do problema ortográfico. Neste contexto, a criança adquire primeiramente o registro ortográfico do (o) postônico final. Em segundo lugar, a criança adquire o registro ortográfico do (e) postônico final.

Os alunos terão maior dificuldade para o registro das vogais (e) e (o) nas sílabas pretônica e postônica medial. Essa dificuldade está relacionada ao fato de não haver possibilidade de apreensão de uma regra que possa auxiliar o aprendiz nessas posições. A aquisição ortográfica das vogais médias átonas nessas posições ocorre palavra por palavra.

A regra a que se refere o autor é aquela segundo a qual todo som [i] e [u], com raríssimas exceções, em posição postônica final, corresponderá, respectivamente, a um <e> e a um <o> gráficos.

Não é que as 2 ocorrências, nos dados aqui analisados, queiram dizer que as postônicas mediais não levassem a desencontros ortográficos; mas, possíveis apenas em palavras proparoxítonas, elas espelham uma tendência geral do *corpus*: a raridade de vocábulos com esse padrão. Fora isso, a tabela anterior reflete exatamente a mesma ordem de dificuldade detectada por Lemos (2001, p. 172), na aquisição do registro escrito das vogais átonas. O problema era bem mais solucionado em posição postônica final do que em pretônica. E o cotejo com o que concluiu Lemos, referido acima, pode ir para mais, na medida em que os dados apontam, primeiramente, para a aquisição do registro ortográfico do <o> e, depois, do <e>. Quanto à solução bem mais imediata e prematura em posição postônica final, a lembrança da anotação do registro gráfico do alteamento de vogais finais como traço quase que exclusivo de duas mãos – a de Luciano da Silva Serra e a de Júlio Capitolino da Boa Morte – é acréscimo ao que se observa, porque, se não fossem elas, a desproporção das ocorrências em posição pretônica e postônica seria muito mais acentuada. É por isso a afirmação feita em momento anterior de que a ‘regra’ que faz corresponder [i] e [u] finais a <e> e <o> estava já bastante assimilada pelos irmãos da SPD.

Alguns vestígios a mais dessa apreensão.

Na listagem referente às grafias que denunciam embaraços ortográficos com os designados grupos consonantais de origem erudita, a epêntese do <i> é o recurso mais notável: *obiter* por *obter*, *subvenção* por *subvenção*, *adimitido* por *admitido*... Compreende-se bem a razão do expediente: [i] na fala, <i> na escrita. Mas, quando um espaço em branco acompanhou a epentêse, marcando a fronteira entre dois vocábulos, Feliciano Primo Ferreira e Manuel do Espírito Santo fizeram outra correspondência: [i] na fala e <e> na escrita: <e> na escrita da vogal alta em posição final, esse é o detalhe relevante, esse é o sinal de que os autores tinham se apropriado

do hábito ortográfico mencionado: *sube* *escribir* por *subscrevi*, *sube* *escrevi* por *subscrevi*. E na redução do ditongo nasal [ãw]), dessa vez registrada por vários autores, em que a semivogal desnasalizada é convocada à vogal, não foi o <u> o símbolo gráfico a traduzi-la e sim o <o>: *dexaro* por *deixaram*, *gastaro* por *gastaram*, *Votaro* por *votaram*.

As anteriorizações e posteriorizações também têm algo a declarar e basta um pequeno índice de palavras, em que se apanham os fenômenos em lugar final, para que se aprecie a coerência das mãos que respondem por ele, porque se, de um lado, a representação ortográfica se apoiou na fala, de outro, se ajustou à escrita, se conformou ao que já se sabia ter ela de mais ou menos regular: [i] e [u] finais como <e> e <o> – *esteje* por *esteja*, *Seije* por *Seja*, *feito* por *feito*, *Leonarde* por *Leonardo*, *pezamo* por *pêsames*, *Rezendo* por *Resende*...

## 6. Considerações finais

A análise das vogais átonas, tanto em posição pretônica quanto postônica, revelou importantes considerações sobre o seu comportamento em textos redigidos por africanos e afro-descendentes na Salvador de oitocentos.

Em primeiro lugar, destacam-se as numerosas ocorrências que, em posição pretônica, exibem o alteamento/alçamento das vogais [e], [o], [e] e [ô] para, respectivamente, [i], [u], [i] e [u]. Contudo o mais importante a ser notado é que a variação de que se fala não acontece ao acaso e o estudo depõe, primeiramente, que existem contextos a condicioná-la e, ainda, que as vogais anteriores são as mais suscetíveis ao fenômeno.

Em segundo lugar e no que diz respeito às vogais postônicas não-finais, percebeu-se que, possível apenas em vocábulos proparoxítonos, o expediente mais utilizado pelas mãos foi não

representá-las graficamente, ou seja, houve a síncope da vogal, juntamente com segmentos consonânticos.

Por fim, a escrita mascara a realização fonográfica das vogais postônicas finais, uma vez que as mãos estavam conscientes, em sua grande maioria, de que a um [i] e [u] fônicos correspondem, respectivamente, um <e> e <o> gráficos.

### Referências Bibliográficas

AMARAL, Marisa Porto do. A síncope em proparoxítonas: uma regra variável. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (Orgs.). **Fonologia e variação. Recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 99-126.

BORTONI, Stela; GOMES, Christina; MALVAR, Elisabete. A variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical? **Revista Estudos Lingüísticos**. Belo Horizonte: ano 1, v. 1, julho-dezembro, 1992, p. 9-30.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 24 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1996.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

CRISTÓFARO-SILVA, Thaís. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudo e guia de exercícios**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 1999.

FARACO, Carlos Alberto. **Escrita e alfabetização**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2000.

LEITE, Yone; CALLOU, Dinah. **Como falam os brasileiros**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

LEITE, Yone; MORAES, João; CALLOU, Dinah. A elevação das vogais pretônicas no português do Brasil: processo(s) de variação estável. **Letras de hoje**. Porto Alegre, v. 27, p. 1-24, 2002.

LEMOS, Fernando A. Perreira. **Interferência da oralidade na escrita**: o caso do registro ortográfico do ‘e, i, o, u’ átonos. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2001.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Estruturas trecentistas**: elementos para uma gramática do português arcaico. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1989.